

Fernanda Eunice Figueiredo

Presidente da Direcção da Associação Liberpolis

Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Leitura

Pública da Área Metropolitana de Lisboa



## **LIBERPOLIS : a realidade e os desafios**

### **RESUMO**

*E feita a apresentação da LIBERPOLIS e o contexto da sua fundação em 1994. Relaciona-se esta fundação com o dinamismo das autarquias no desenvolvimento das bibliotecas públicas da Área Metropolitana de Lisboa, onde 14 dos 18 municípios têm bibliotecas integradas na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas. Por outro lado indentificam-se as razões que estão na origem e justificam a criação da Associação cujos fins são enunciados. São apresentadas as principais actividades já realizadas nos campos da edição, formação, promoção e cooperação. É feita uma análise dos pontos fortes e fracos da actividade da Associação e são apresentadas perspectivas consideradas optimistas do trabalho futuro, relacionando-o com o previsível desenvolvimento das bibliotecas públicas e com o necessário esforço para tomar a cooperação mais efectiva*

### **ABSTRACT**

*LIBERPOLIS and the context of its foundation in 1994 are presented. This foundation is related to the interest of the municipalities in the development of public libraries in the Metropolitan Region of Lisbon, where 14 out of 18 municipalities have public libraries integrating the National Network of Public Libraries. On the other hand the rationale for the creation of LIBERPOLIS is discussed and its aims are presented, as well as its main activities in the fields of edition, training, promotion and cooperation. An analysis of the strengths and weaknesses of the Association activities is done and future developments are foreseen in an optimistic mood and related to the foreseeable development of public libraries and the necessary effort to make cooperation more effective.*

## **Introdução**

Com esta comunicação pretendemos trazer o contributo da nossa experiência à discussão que a BAD propõe em torno das experiências associativas relacionadas com as bibliotecas. Gostaríamos assim de agradecer em primeiro lugar a oportunidade que nos é concedida de participar nesta discussão e de expor os nossos pontos de vista e a nossa experiência.

A LIBERPOLIS, Associação para a Promoção e Desenvolvimento da Leitura Pública da Área Metropolitana de Lisboa, é uma associação ainda jovem, tendo a escritura da sua fundação sido assinada em 19 de Outubro de 1994. O contexto da sua criação é desenvolvido nesta comunicação, mas gostaríamos de adiantar resumidamente que ela surge, por um lado, como consequência natural do desenvolvimento das bibliotecas públicas na Área Metropolitana de Lisboa, e por outro lado para responder a uma necessidade identificada por um grupo de pessoas ligadas ao sector, de preencher um espaço de promoção, desenvolvimento e mobilização de recursos, capaz de contribuir para a consolidação de uma nova imagem das bibliotecas públicas junto da opinião pública.

A Área Metropolitana de Lisboa conta actualmente com cerca de dois milhões e meio de residentes, ocupando uma área geográfica de 3.128 Km<sup>2</sup>, organizada em 18 concelhos. Alguns indicadores apontam para que em 2010 esta população atinja os três milhões de pessoas.

Destes 18 concelhos, 14 têm as suas bibliotecas municipais integradas na Rede Nacional de Bibliotecas Públicas, nove inauguraram já os novos edifícios, e outros cinco estão em fase de construção. Só quatro municípios estão ainda fora da rede, mas há fortes possibilidades de virem a integrá-la num futuro próximo, sendo verdade que já disponibilizam de qualquer modo um serviço de bibliotecas que, por exemplo no caso de Lisboa, tem já grandes tradições.

Esta é pois uma região onde as Autarquias têm investido fortemente nas suas bibliotecas e manifestam propósitos seguros de aprofundar este investimento como tem sido demonstrado pelo alargamento de redes concelhias.

A LIBERPOLIS opera pois neste ambiente inegavelmente muito dinâmico, e na sua curta existência pode orgulhar-se de ter realizado um conjunto diversificado de actividades no cumprimento da sua missão. Estas actividades organizam-se à volta de cinco vectores estruturantes da nossa acção: promoção e divulgação, edição, formação e cooperação.

Enfrentamos algumas dificuldades e problemas que referiremos a seguir. No entanto, as nossas perspectivas são francamente optimistas e radicam na constatação da força social, cultural e mesmo económica que são já hoje as bibliotecas públicas na nossa região.

### **1. O Contexto**

O movimento de criação das bibliotecas públicas em Portugal iniciado em 1987, introduziu no panorama bibliotecário nacional grandes mudanças quantitativas e qualitativas que devem ser consideradas no contexto das transformações das bibliotecas portuguesas de um modo geral, e são também, em nosso entender, resultado do processo de democratização e desenvolvimento económico e social verificado em Portugal na sequência do 25 de Abril de 1974. A adesão do país à União Europeia possibilitou ainda nos últimos anos a participação das bibliotecas em projectos comunitários, o que tem também contribuído para o desenvolvimento e dinamismo do sector.

Neste contexto deve ser considerada a inserção das bibliotecas públicas no conjunto de equipamentos e serviços de que o Poder Local dispõe para a prossecução dos seus fins de melhoria da qualidade de vida das populações, e particularmente no acesso destas à informação, à cultura, à educação, e a uma ocupação criativa dos crescentes tempos de lazer. Por outras palavras, a acção das bibliotecas públicas tem de ser considerada numa perspectiva eminentemente local, integrando-a embora num contexto nacional e mesmo internacional.

Esta realidade, se apresenta inúmeros aspectos positivos - de que deve ser realçado o contacto directo com as populações e um conhecimento directo das suas necessidades - é também portadora de algumas dificuldades.

É para obviar a estas dificuldades que os municípios se têm organizado em associações ou constituído consórcios para certos fins específicos como a recolha do lixo ou abastecimento de água, havendo igualmente algumas experiências intermunicipais no campo cultural. No caso concreto das bibliotecas públicas refira-se o Grupo de Trabalho das Bibliotecas Publicas da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, que tem neste campo desenvolvido um trabalho que infelizmente não tem paralelo no nosso país. A RTLP pode igualmente ser incluída nestes casos excepcionais em que diversas bibliotecas estabelecem uma parceria para atingir um objectivo comum, neste caso a informatização. Interessa-nos aqui realçar a importância de opções desta natureza, tendo em vista uma maior qualificação dos serviços e uma maior rentabilização de recursos das bibliotecas.

Estas opções são tanto mais importantes se considerarmos uma falta generalizada de hábitos e tradição associativa no nosso país, resultante, entre outros factores, da perseguição sofrida pelas associações antes do 25 de Abril de 1974, e também de uma visão centralizadora e paternalista por parte dos cidadãos, que atribuem com demasiada frequência ao Estado a obrigação de resolver todos os problemas dos indivíduos, aligeirando as suas próprias responsabilidades e dever de participação.

Não podemos também deixar de referir as dificuldades resultantes de um desenvolvimento assimétrico das bibliotecas públicas ao nível da sua estrutura de organização, gestão e funcionamento. São notórias diferenças substanciais por exemplo ao nível do desenvolvimento das colecções, havendo casos preocupantes de níveis de actualização muito baixos enquanto outros mantêm bons ritmos de aquisição. Igualmente são notórias diferenças em termos de recursos humanos, tecnologias de informação e actividades promocionais.

A imagem que o país ainda hoje tem das bibliotecas públicas está longe de corresponder ao esforço que tem sido feito e à real qualidade do trabalho efectuado. Se há algumas bibliotecas que têm conseguido ultrapassar estas dificuldades, isto deve-se a casos pontuais de bom relacionamento com a comunicação social que tende a salientar um

número reduzido de casos de sucesso. A informação que circula entre as próprias bibliotecas públicas é diminuta, a discussão dos problemas e das dificuldades é escassa bem como é reduzida a divulgação das experiências de sucesso.

A um outro nível é flagrante o baixo índice ou a inexistência de actividades de cooperação, sendo, por exemplo, o empréstimo inter-bibliotecas praticamente inexistente bem como uma efectiva partilha de recursos. A aquisição e o tratamento documental são feitos de uma forma isolada o que se traduz numa fraca capacidade negocial face aos fornecedores e na repetição infinita de rotinas que, em cooperação, poderiam ser partilhadas, reduzindo substancialmente o trabalho de cada uma.

Por outro lado, as actividades de formação a que os técnicos das bibliotecas públicas têm tido acesso estão longe de ir ao encontro das suas necessidades específicas. Ou são feitas no âmbito da formação genérica da Administração Pública e pouco aplicáveis à realidade das bibliotecas, ou sendo fornecidas por entidades relacionadas com as bibliotecas incidem fundamentalmente em trabalho técnico especializado com relevância diminuta para as bibliotecas públicas.

## 2. A LIBERPOLIS

E neste contexto, e procurando fazer face aos desafios e dificuldades atrás referidos, que um grupo de profissionais das bibliotecas públicas da Área Metropolitana de Lisboa decidiu em Outubro de 1995 avançar com a criação de uma estrutura associativa capaz de unir num esforço comum os diversos interessados no desenvolvimento e promoção das bibliotecas públicas. Alguns destes profissionais contavam já com uma rica experiência no âmbito da Associação de Municípios do Distrito de Setúbal, uma parte é associada da BAD e havia experiência de trabalho nos seus corpos gerentes, outros tinham um grande conhecimento da realidade nas bibliotecas públicas pelo seu trabalho no EPLL e IBL.

A LIBERPOLIS surgiu assim como uma associação de indivíduos e entidades colectivas que, independentemente da sua actividade profissional ou ramo de actividade, entendam colaborar na promoção e desenvolvimento das bibliotecas públicas da região. Os técnicos

de biblioteca desempenharam aqui um determinante papel impulsionador mas o objectivo, já hoje parcialmente conseguido, foi e é de congregar à volta dos seus fins pessoas de formação e profissões diversas: editores e livreiros, escritores e jornalistas, fornecedores de produtos e serviços, membros do público, como professores e escolas, e as próprias Câmaras Municipais. A LIBERPOLIS não é pois nem uma associação de bibliotecas - o que lhe está à partida vedado pelo próprio estatuto jurídico destas - nem é uma associação profissional pois a sua filiação é neste campo muito diversificada e os seus objectivos estatutários claramente diferentes.

São fins da Associação: contribuir para o desenvolvimento e promoção da Leitura Pública na Área Metropolitana de Lisboa; dinamizar acções de cooperação visando a rentabilização e obtenção de recursos; estimular a criação de serviços inovadores, nomeadamente os serviços de informação à comunidade, às empresas, e auto-formação de adultos, utilizando tecnologias de informação e comunicação; contribuir para a conservação e difusão de recursos de informação, particularmente o património documental da região; contribuir para o desenvolvimento das capacidades de manuseamento da informação pelos utilizadores e a criação de hábitos de leitura por prazer, nomeadamente através de acções de formação para utilizadores; incentivar o desenvolvimento e formação profissional e técnica do pessoal das áreas do livro e da leitura, particularmente os das carreiras técnicas de biblioteca e documentação; contribuir para que a Leitura Pública desempenhe um papel fulcral na info-estrutura da informação.

A criação de uma Associação com estes fins pareceu-nos essencial, permitindo desenvolver uma acção liberta dos condicionalismos jurídicos e mesmo políticos que a tutela estatal ou municipal fatalmente impõe. A LIBERPOLIS tem assim a possibilidade de obter recursos de fontes muito diversificadas e de os gerir livremente de acordo com os seus planos de actividades e as orientações que os sócios definam, e obviamente dentro dos condicionalismos impostos pela lei.

Temos assim procurado obter financiamento junto das próprias empresas que neste momento actuam no sector e que representam já hoje um volume de negócios muito considerável. Se, em casos pontuais, tem havido algum alheamento, a verdade é que a resposta do mundo empresarial tem sido muito positiva. Temos obviamente procurado

também apoio junto dos organismos do Poder Central vocacionados para o apoio às actividades no âmbito da formação profissional, da edição e da investigação. Este é um bom exemplo de um sector de apoios que está vedado por lei às autarquias locais e que o nosso estatuto de associação privada permite usufruir. A obtenção de recursos junto de organismos da União Europeia está igualmente ao nosso alcance embora devamos reconhecer que é um campo que ainda não explorámos devidamente. As autarquias, num reconhecimento da acção que vimos desenvolvendo, começam a dar sinais claros de uma crescente compreensão da importância do nosso trabalho, e a manifestar interesse em canalizar recursos para a Associação. Outras parcerias estão a ser estabelecidas com uma escola profissional e com órgãos de comunicação social.

#### A) Actividades principais

Temos estruturado a nossa actividade em torno de cinco vectores fundamentais: edição, formação, cooperação, promoção e divulgação cultural.

##### *Edição*

No campo da edição merece particular destaque a publicação regular de uma "newsletter" que titulámos com o próprio objecto dos nossos fins promocionais: "*biblioteca pública*". Está já em distribuição o 6º número desta publicação que tem primado pela regularidade na sua saída e se tornou já um hábito para muitos leitores. O crescimento contínuo do número de páginas - que começou em 4 e ao fim de um ano se fixou em 16 páginas - reflecte o interesse do mercado publicitário e da sua aceitação junto do público. O último número tem já uma tiragem de 5 mil exemplares sendo a nossa política actual a sua distribuição gratuita. Para além de um envio personalizado para os sócios, entre cem a duzentos exemplares são distribuídos por cada uma das bibliotecas públicas da Área Metropolitana de Lisboa, que depois fazem a sua própria distribuição pelo respectivo concelho. Um ou mais exemplares - de acordo com as solicitações - são enviados para todas as bibliotecas públicas da Rede Nacional e outras que não integram ainda a Rede. O Serviço de Bibliotecas e Apoio à Leitura da Fundação Calouste Gulbenkian recebe 150 exemplares que distribui pela sua rede Cerca de 500

exemplares são enviados individualmente para um endereçamento seleccionado entre jornalistas, escritores, comunicação social, e na verdade a todos aqueles que se nos dirigem a solicitá-la.

A inexistência de uma publicação regular de carácter científico e técnico sobre as bibliotecas públicas - "*biblioteca pública*" é eminentemente informativa - fez-nos sentir entretanto a necessidade de criar uma outra publicação. O seu título é "*biblioteca pública: revista*", terá periodicidade anual e o primeiro número sairá em Novembro.

### *Formação*

O objectivo que nos propusemos de realizar uma acção de formação por trimestre foi já ultrapassado pelas oportunidades que nos surgiram e que não quisemos desperdiçar. Assim, destacamos acções em que participaram António Fontinha, sobre o conto popular, Bob Usherwood sobre o papel social das bibliotecas públicas, Teresa Calçada, Isabel Veiga e José António Calixto, sobre a relação das bibliotecas públicas e as bibliotecas escolares, Chris Batt, sobre o papel da biblioteca pública na sociedade da informação. Jany Tusset, sobre projectos de animação de leitura, Glória Bastos, igualmente sobre promoção de leitura, e Jens Thorauge sobre como melhor apresentar a biblioteca facilitando a sua utilização. Igualmente divulgámos e organizámos uma viagem ao Congresso da IFLA, em Copenhaga onde participou a maior delegação portuguesa de sempre num Congresso da IFLA.

Estabelecemos recentemente um protocolo de parceria com o INETE - Instituto de Educação Técnica que nos permitirá por um lado desenhar conjuntamente acções específicas destinadas às bibliotecas públicas (teve lugar já em Abril uma sobre "A Internet nas bibliotecas públicas") e, por outro, proporcionará aos nossos associados condições financeiras privilegiadas no acesso ao programa de formação contínua daquela escola.

### *Promoção*

Correspondendo ao interesse manifestado por colegas de outros países organizámos diversas viagens e a recepção a colegas de outros países, nomeadamente de França,

**Irlanda, Catalunha e Dinamarca. Sublinhe-se que nestes dois últimos casos as delegações eram compostas por técnicos de bibliotecas e de políticos interessados na experiência portuguesa de desenvolvimento de uma rede de bibliotecas públicas a nível nacional através da colaboração do poder central e local.**

**Iniciámos recentemente contactos regulares com a comunicação social no sentido de facilitar a passagem de informação relativa às bibliotecas públicas, com o objectivo de as tornar uma presença regular nos órgãos de comunicação social. Fomos particularmente bem sucedidos junto da RDP que passou já diversas entrevistas com dirigentes da Associação, e que no dia 2 de Abril realizou uma emissão especial de duas horas a propósito do Dia Internacional do Livro Infantil, transmitindo directamente das bibliotecas de Alverca, Vila Nova de Famalicão, Arganil e Lagoa. Outros contactos estão actualmente em curso sendo as expectativas francamente animadoras.**

### *Cooperação*

**Embora a cooperação seja uma actividade transversal que toca muitas das actividades atrás mencionadas, não podemos deixar de sentir que este é um campo onde temos tido mais dificuldades, particularmente se entendermos a cooperação no sentido restrito da partilha de recursos e do estabelecimento de parcerias entre as bibliotecas. Há inegavelmente um longo caminho a percorrer, mas esta tem de ser uma caminhada conjunta, uma luta constante de todos contra o individualismo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência colectiva que reconheça as vantagens mútuas da cooperação, isto é, da mais valia que podemos retirar do facto de concentrarmos esforços em objectivos comuns.**

**Algumas causas podem ser sugeridas para estas dificuldades. Por um lado os ambientes gerais em que nos inserimos levantam facilmente barreiras difíceis de ultrapassar, entre as quais podemos incluir uma certa desconfiança entre a Administração central e local, competição entre diferenças forças políticas, rivalidades locais entre municípios vizinhos, e, porque não dizê-lo, a emergência de alguma competição entre os próprios profissionais do sector. Por outro lado a própria fragilidade das bibliotecas,**

nomeadamente em recursos humanos, pode bem originar que a luta diária para manter a biblioteca em funcionamento não deixe tempo e espaço mental para dedicar a actividades de que não se vêem resultados imediatos. A falta de experiência e tradição neste campo são também obstáculos a considerar, isto é, talvez seja necessário fazer formação sobre as vantagens, e mais concretamente sobre as modalidades práticas de cooperação.

### **B) Pontos fortes e pontos fracos**

Um dos aspectos mais importantes que tem contribuído para o sucesso do trabalho que temos vindo a desenvolver é, no nosso entender, a clareza e relativa simplicidade dos fins que nos propusemos. De facto é hoje relativamente consensual o carácter positivo das bibliotecas públicas, a necessidade de rentabilizar o seu potencial, o papel que elas já desempenham num país onde educação e cultura são ainda parentes pobres. Chamar a atenção para a sua importância e obter para elas a atenção continuada dos diversos poderes é um objectivo facilmente mobilizador. Assim, podemos dizer sem demagogia e sem falsas modéstias que a nossa principal força reside nos nossos sócios e resulta da justeza dos nossos fins e da clareza e adequação dos nossos métodos.

A coesão do grupo impulsionador ligado entre si por laços de amizade e de confiança de longa data, bem como a partilha de experiências comuns são um capital importantíssimo que permite um esforço continuado, uma militância esforçada, uma alegria e um estímulo à imaginação para a rentabilização dos poucos recursos que temos à disposição.

Não deve igualmente ser menosprezado o apoio financeiro e logístico que temos recebido das mais diversas entidades que reconhecem no nosso trabalho um contributo importante para a prossecução dos seus próprios fins. Referimo-nos aqui, antes do mais as próprias autarquias, que gradualmente têm alargado o seu apoio à nossa actividade. Referimo-nos também às empresas que em número crescente têm reconhecido, particularmente na nossa "newsletter", um instrumento privilegiado de divulgação para os seus produtos e serviços. E finalmente, mas não menos importante, o Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, que desde a primeira hora nos tem incentivado e

apoiado das mais diversas formas, entre as quais o apoio financeiro é também um elemento importante.

É da mais elementar justiça reconhecer aqui o papel que a Dr<sup>a</sup> Maria José Moura tem desempenhado neste campo, incentivando, criticando, sugerindo e apoiando desde o início a nossa actividade.

Olhando para as nossas fraquezas, as nossas dificuldades e limitações certamente encontraríamos uma lista bem maior e pormenorizada.

Uma delas foi já abordada quando falámos das dificuldades da cooperação, reflectindo-se no concreto da vida da Associação naquilo que poderemos considerar uma ainda fraca participação dos sócios na vida associativa. Pensamos que este é um problema comum a muitas associações neste e noutros sectores. Poderíamos facilitar e cair na tentação de procurar encontrar explicações para esta realidade a partir de acusações mútuas entre direcções associativas e sócios, pois sabemos quanto é fácil as direcções associativas serem acusadas de se fecharem sobre si próprias e não desenvolverem capacidades de mobilização. Rejeitamos liminarmente entrar neste jogo da desculpa fácil mas estéril, porque este é um problema para o qual importa que, todos em conjunto, procuremos desenvolver estratégias que permitam romper decisivamente com este círculo vicioso.

No entanto, entendemos que é importante reflectir sobre alguns factores que pensamos serem a causa deste problema.

Por um lado, sabemos que no nosso país o trabalho voluntário e associativo é socialmente pouco valorizado, resultando daqui, por exemplo, que as administrações nem sempre compreendem o tempo e esforço que os seus trabalhadores dedicam a actividades que não revertem directamente em benefício dos serviços. Por outro lado, cada um de nós não vê compensações imediatas no trabalho que desenvolve, a não ser que encontre aí uma satisfação pessoal que é, pela sua própria natureza, muito subjectiva. Quem trabalha nas associações acaba por vezes por sacrificar não só muito do seu tempo livre e da sua vida familiar, como também por gastar dinheiro do seu próprio bolso, por exemplo, em viagens, telefonemas e refeições.

Torna-se assim necessário demonstrar a importância do trabalho voluntário e associativo, sublinhando a mais valia que este representa para os serviços, para as bibliotecas no seu conjunto e para cada uma individualmente, evidenciando permanentemente as vantagens da cooperação e da partilha de recursos. Torna-se igualmente necessário combater o individualismo, sendo certo que esta é uma caminhada que só pode ser feita com êxito em conjunto.

Outra causa poderá sem dúvida ser encontrada na própria fraqueza das nossas estruturas associativas em termos de recursos físicos e humanos. O facto de não termos uma sede própria, com os equipamentos necessários ao desenvolvimento da vida associativa, local de reuniões e outras actividades é uma limitação à nossa acção que muito temos sentido. E a casa de cada um de nós que acaba por servir alguns destes fins, ou então são os recursos da própria biblioteca que são utilizados. Considerando estas limitações, e outras de ordem financeira, não nos é possível actualmente dispor de um apoio administrativo permanente.

A dispersão geográfica, apesar de sermos uma associação regional, é apesar de tudo um problema que sentimos, mesmo nesta época de comunicações relativamente fáceis. Ainda é considerável a distância, por exemplo entre Mafra e Setúbal ou entre Vila Franca de Xira e Cascais. Além disto, cada um de nós tem ainda um caminho a percorrer na utilização das tecnologias da informação, como por exemplo o correio electrónico, que muito pode contribuir para ultrapassar as distâncias físicas, viabilizando desta forma uma parte significativa do trabalho conjunto que é necessário concretizar.

### 3. Perspectivas

As bibliotecas públicas têm seguramente um papel fundamental a desempenhar no futuro. Isto é particularmente verdade no nosso país e na Área Metropolitana de Lisboa. No ultimo número da "Biblioteca Pública", três Vereadores responsáveis pelo Pelouro da Cultura em três Câmaras Municipais e pertencendo todos a partidos políticos diferentes, perspectivam o desenvolvimento das bibliotecas nos seus concelhos de uma forma invariavelmente entusiástica com grande empenhamento.

Os poucos concelhos que ainda não têm biblioteca pública na Área Metropolitana de Lisboa vão tê-la em breve. As redes concelhias vão alargar-se, com a construção de pólos nas freguesias e com bibliotecas itinerantes nas zonas rurais. Em cada biblioteca os serviços vão aperfeiçoar-se e desenvolver-se, à medida que a capacidade técnica de cada biblioteca for aumentando. A sociedade vai reconhecer cada vez mais o carácter essencial das bibliotecas públicas na qualidade de vida dos cidadãos e no aprofundamento da democracia social e política.

Neste contexto, toda as actividades económicas relacionadas com as bibliotecas públicas, vão beneficiar deste dinamismo e expandir-se: desde a construção civil aos fabricantes e fornecedores de mobiliário, de informática, de livros e serviços de informação, livreiros, escolas profissionais, gráficos e animadores sócio-culturais.

É nossa convicção que o futuro do associativismo nesta área está indissociavelmente ligado a esta realidade. A LIBERPOLIS crescerá e implantar-se-á na medida em que for reconhecida a importância social e cultural, mas também económica, das bibliotecas públicas. Cada vez haverá mais técnicos de biblioteca, editores, livreiros, professores, autarquias locais e escolas ligadas a esta actividade, e cada vez mais vai ser reconhecida a vantagem de uma estrutura associativa deste tipo.

E igualmente nossa convicção que, quer as Autarquias Locais quer os organismos do Poder Central com ligações à Cultura, à Ciência, à Educação e à Formação Profissional se desenvolverão no sentido de criar formas de apoio que reconheçam a nossa actividade, por exemplo no campo da edição, da formação e da promoção. Igualmente a União Europeia está cada vez mais atenta às bibliotecas e, particularmente às bibliotecas públicas, e reconhece o papel de crescente importância que organismos não directamente ligados às administrações podem desempenhar neste domínio.

Neste quadro, as nossas perspectivas são francamente positivas quanto à superação das dificuldades atrás referidas. Estamos convictos que teremos capacidade para atrair cada vez mais recursos para o desenvolvimento do nosso projecto. Estamos convictos que poderemos aperfeiçoar o nosso trabalho, melhorando as estruturas físicas e humanas de apoio, caminhando mesmo no sentido de uma certa profissionalização da nossa estrutura.

Estamos ainda convictos que poderemos mobilizar cada vez mais sócios que se revejam na Associação, e encontrem disponibilidade para lhe dar o seu contributo.

Temos confiança no nosso futuro não só porque ele está intimamente ligado com o futuro das bibliotecas públicas, como também porque, e já o afirmámos, entendemos que a cooperação é, antes de mais, uma vontade, e a nossa vontade é continuar este projecto não apenas com aqueles que já hoje são nossos parceiros, mas também procurando novos amigos, novos companheiros para esta caminhada.